

## Figurações do político em Kafka e Kucinski: o discurso literário como encenação da História

Ricardo Garro<sup>1</sup>

**Resumo:** De acordo com Deleuze e Guattari, a obra de Franz Kafka se forma a partir de um agenciamento coletivo de enunciação em que se objetiva a ligação do individual ao imediato político, com o caso particular desaguando necessariamente na amplitude social. A partir de tal assertiva, o objetivo é expor o campo social no qual se desenvolve a ficção do escritor brasileiro Bernardo Kucinski, via paralelo com a abordagem da obra romanesca de Kafka feita por Deleuze e Guattari, para justificar o enfoque pelo testemunho e suas relações com o político, elemento central em Kucinski e que está estreitamente vinculado ao histórico em sua obra.

**Palavras chave:** Kafka; Kucinski; História; Antissemitismo; Ditadura.

De acordo com Deleuze e Guattari em *Kafka: por uma literatura menor* (DELEUZE; GUATTARI, 2015), a obra romanesca de Kafka se forma a partir de um agenciamento coletivo de enunciação em que se objetiva a ligação do individual ao imediato político, com o caso particular desaguando necessariamente na amplitude social, em que “o que o escritor sozinho diz já constitui uma ação comum, e o que diz ou faz é necessariamente político [...]. O campo político contaminou todo o enunciado” (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 37). Essa assertiva não só circunscreve quanto afirma o caráter político na obra de Kafka como algo inerente ao lugar que o escritor ocupa como indivíduo.

É via os protagonistas dos romances que mais facilmente se pode vislumbrar esse viés político, a partir do lugar que ocupam e das ações que sofrem. Os protagonistas dos romances de Kafka, imersos na burocracia administrativa de uma esfera de poder que se coloca como intocável em seus meios de ação, são indivíduos que se confundem, ao mesmo tempo, com a profissão ou função que exercem no meio social, e com o que é apontado como pertinente a eles pelas estruturas de poder às quais estão submetidos. Assim, o funcionário de *O processo* (KAFKA, 2005) é enredado a um inquérito policial do qual não sabe o teor, mas cuja culpa lhe é apresentada como inquestionável. Ao agrimensor não é permitido o acesso à construção que representa *O Castelo* (KAFKA, 2008), poder administrativo do lugar para o qual fora chamado, e que é a razão para sua estada na vila que o circunda, vila esta que muitas vezes se confunde com o próprio

---

<sup>1</sup> Graduado em Comunicação Social: Jornalismo (UNI-BH), Especialista “Latu Sensu” em Comunicação: Novas Tecnologias e Hipermídia (UNI-BH), Mestre em Estudos Literários (UFMG), Doutorando em Estudos Literários (UFMG). Contato: ricardogarro@terra.com.br.

Castelo. Para um agrimensor, cujo trabalho é justamente medir limites e espaços, a ambiguidade e ironia de Kafka revelam, via profissão e interdição, a sujeição do personagem à esfera de um poder ininteligível. A esses personagens junta-se o exilado sem profissão de *América* (KAFKA, 2000), país que no livro parece representar ele próprio uma grande empresa, e que vive como uma espécie de pária nômade à margem das relações de trabalho.

A partir dessa não separação entre o indivíduo e profissão ou função social, Deleuze e Guattari negam a própria condição de sujeito dos personagens de Kafka:

Não há sujeito, *há apenas agenciamentos coletivos de enunciação* – e a literatura exprime esses agenciamentos, nas condições em que eles não estão dados fora dela [...]. A letra K não designa mais um narrador nem um personagem, mas um agenciamento tanto mais coletivo quanto mais um indivíduo se encontra a ele ligado em sua solidão - é apenas com relação a um sujeito que o individual seria separável do coletivo e conduziria sua própria tarefa. (DELEUZE; GUATARI, 2015, p. 38)

A dessubjetivação torna-se, desse modo, inerente aos personagens de Kafka. Estes se tornam mecanismos de uma máquina coletiva cuja estrutura é desconhecida, assim como sua finalidade. Conexões entre o caráter histórico e o político seriam os meios pelos quais essa dessubjetivação se daria. O indivíduo se tornando a expressão do coletivo e essa expressão resultando em tentativas de experimentar alternativas de escape às várias formas de captura do homem pelas estruturas de poder que as sociedades vão estabelecendo em suas relações.

Os autores atentam para a condição de Kafka como escritor tcheco, de origem judia, escrevendo em língua alemã, para afirmar que “uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATARI, 2015, p. 35). Situando Kafka como um escritor que escreve a partir de um lugar objetivamente determinado, sendo sua origem judaica como condição, ao mesmo tempo, de deslizamento entre culturas, e de dificuldade de estabelecer uma ideia de pertencimento identitário, situação que aponta para o caso específico de Kafka como judeu assimilado no contexto do Império Austro-Húngaro, no início do século XX.

A partir de tal premissa, Deleuze e Guattari trabalham sua obra como rizoma e tentativa de desterritorialização via linhas de fuga:

Um escritor não é um homem escritor, é um homem político, e é um homem máquina, e é um homem experimental (...) Uma máquina de Kafka é, portanto, constituída por conteúdos e expressões formalizadas em graus diversos como por matérias não formadas que nela entram, dela saem e passam por todos os estados. Entrar, sair da máquina, estar na máquina, percorrê-la, aproximar-se dela, ainda faz parte da máquina: são os estados de desejo, independente de toda interpretação. A linha de fuga faz parte da máquina (...). O problema: de modo algum ser livre, mas encontrar uma saída, ou bem uma entrada, ou bem um lado, um corredor, uma adjacência, etc. (DELEUZE; GUATARI, 2015, p. 17)

Expor os mecanismos que impelem o indivíduo a uma objetificação de si, e, ao mesmo tempo, buscar um espaço de mobilidade ou saída para esses indivíduos que, como se fossem um campo de experimentação, tornam-se expressão do político, é a forma de entrada de Deleuze e Guattaria à obra de Kafka.

A objetivação de um personagem via inserção a um contexto político e social específico pode também ser uma forma de entrada à parte da obra ficcional de Bernardo Kucinski que tem como tema a ditadura civil-militar brasileira que governou o país entre 1964 e 1985. Ao buscar um diálogo entre a abordagem de Kafka por Deleuze e Guattari, com a obra de Kucinski, pode-se expor os acontecimentos históricos e as formas de poder que engendram as ações dos personagens, assim como as escolhas narrativas do autor, e mesmo da construção de seus narradores quando tornados personagens, algo presente no capítulo que abre e no que encerra *K. - Relato de uma busca*, e que é central em toda a narrativa de *Os visitantes*, livro que é um misto de sequência e resposta ao primeiro, formando com este uma espécie de díptico.

*K. - Relato de uma busca* narra a trajetória de um escritor judeu polonês de literatura em língua iídiche, nomeado apenas como K., que migrou para o Brasil no período anterior à 2ª Guerra Mundial, após ser preso e obrigado a se exilar por militar no Partido Trabalhista Sionista Polonês. O livro inicia-se com o desaparecimento de sua filha no Brasil dos anos 1970, sob a ditadura civil-militar: “De repente, tudo perdia sentido. Um fato único impunha-se, cancelando o que dele não fosse parte; fazendo tudo o mais obsoleto. O fato concreto de sua filha querida estar sumida há onze dias, talvez mais” (KUCINSKI, 2014, p. 16).

O desaparecimento é o ponto de partida de uma peregrinação em busca do paradeiro da filha. Desde o início a busca de K. se imbrica com a sua vida até ali, não como a narração de uma vida pregressa a si misturar no presente da narrativa, mas sim como

questionamento de sua vida anterior ao corte provocado pelo desaparecimento, onde as escolhas do passado são postas em cheque, assim como o sentido que K. dava à própria vida após a fuga da Polônia e sua permanência no Brasil. Depois do desaparecimento, tudo que se refere ao passado, para K., passa a ser contaminado pelo presente onde impera a ausência de sua filha em função da situação de repressão política no Brasil. O Estado torna-se protagonista, invade e transforma o presente e o futuro do personagem. Assim, o passado de K. ressurgue como questionamento, como um chamamento da história e da realidade social. O presente convoca o passado de K. e sua participação política na Polônia, assim como a morte e desaparecimento de parentes na 2ª guerra, vítimas da máquina nazista de extermínio do povo judaico.

O personagem K. foi baseado no escritor judeu-polonês Meir Kucinski, pai de Bernardo Kucinski, que exilou-se da Polônia na década de 1930, pelas mesmas razões que o personagem K., e que assim como este, ao chegar ao Brasil se dedica à literatura iídiche. Em 1974, sua filha, Ana Rosa Kucinski, foi sequestrada e assassinada por forças de repressão ligadas ao governo, crime reconhecido pelo Estado brasileiro após o fim do regime militar, mesmo que seus restos mortais nunca tenham sido encontrados, fato que é central na abordagem ficcional realizada por Bernardo Kucinski do evento, tanto em *K. – Relato de uma busca*, quanto no livro seguinte, *Os Visitantes*.

Mas, o que Bernardo Kucinski faz não é a biografia romanceada de seu pai, nem um estudo histórico sobre o período da última ditadura brasileira, e sim, a partir de uma elaboração ficcional, tentar dar um sentido simbólico para o período. O k do título e do personagem é explicitamente uma referência à obra romanesca de Kafka, e que, assim como esta, apresenta seu protagonista irremediavelmente preso aos meandros da burocracia estatal e seus absurdos. Em consequência, ao se utilizar da obra de Kafka, Kucinski vai buscar no terreno da literatura o sentido que pretende imprimir à sua narrativa.

Para Deleuze e Guattari, a inicial que nomeia é a mesma que despersonaliza na obra de Kafka. Para Kucinski, a letra do nome paterno é também um agenciamento que testemunha para além da tragédia de K. e sua filha e que assume a voz de toda uma rede de indivíduos vítimas da história, sejam aqueles que sofreram e morreram pela tortura na ditadura brasileira, sejam aqueles perseguidos pela insanidade racista da 2ª Guerra. Em relação à realidade brasileira, a letra k deixa de ser apenas a representação de um nome

ou sujeito e torna-se a simbolização da lacuna existente entre a memória dos desaparecidos e parentes que sofreram a perda, com grande parte sociedade brasileira, que prefere esquecer ou não lidar com crimes ocorridos no período da ditadura.

E é na própria jornada do personagem que isto se estabelece. No romance, K. visita hospitais, delegacias, batalhões do exército e da marinha. Recorre a jornais, políticos, igrejas, órgãos judaicos, órgãos internacionais de direitos humanos, governos estrangeiros, sempre em busca do paradeiro de sua filha. Em alguns encontra solidariedade, em outros, o absurdo se apresenta:

K. lembra com desgosto da Comissão de Direitos Humanos da OEA que rejeitara sua petição de modo muito cínico. Disseram que, segundo o Governo brasileiro, nada constava sobre sua filha. É claro, foram perguntar aos bandidos se eles eram bandidos. (KUCINSKI, 2014, p. 57)

A indiferença para com o destino de sua filha é fator marcante para o personagem. Após várias tentativas de descobrir o que aconteceu, a rede de silêncio criada em torno do seu paradeiro, o medo visível dos representantes de vários órgãos e instituições onde procura auxílio, assim como o contato com pessoas na mesma situação em que se encontrava, levam K. a inserir seu drama pessoal no contexto político do período, e à percepção que, assim como tantos outros que se opuseram ao regime militar, sua filha provavelmente teria sido assassinada. Assim, em determinado momento, K. desiste de encontrá-la viva, e, a partir disso, sua jornada torna-se uma busca pelos seus restos mortais e pelo reconhecimento, por parte do Estado e da sociedade brasileira, do seu assassinato.

Na descrição da história de K., o passado surge como uma sombra que paira sobre o presente do personagem. Apesar de não serem muitos os elementos que remetem ao passado, estes, quando surgem, partem de um evento do presente e como representação de dor. As escolhas do presente quase sempre se conectam a eventos traumáticos. Assim, a dedicação quase absoluta à literatura escrita em ídiche se liga, ao mesmo tempo, a uma incapacidade de inserção na cultura do novo país e a um alheamento à sua vida familiar, este em decorrência de perdas do passado. A esse respeito, a ficção de Kucinski coloca a Shoá como gatilho de traumas, como o fato da primeira esposa de K. entrar em depressão profunda devido às notícias recebidas da Europa, durante e logo após a 2ª Guerra Mundial. Mais tarde, a dizimação dos parentes a levam da depressão a um câncer, e pouco depois à morte. Tal morte, com o tempo, resulta na desagregação da família de K. O filho

mais velho se muda para Israel, o do meio vai para a Inglaterra, a filha, que não se dá bem com a nova esposa do pai, acaba se afastando de sua convivência. K. se dedica então inteiramente à literatura e ao ídiche.

O exílio forçado salvou K., a esposa e o filho mais velho do nazismo, mas não de suas consequências indiretas. O drama da Shoá é explorado no livro sempre por uma via indireta, pois ele concentra-se nos percalços do pai no presente onde impera o desaparecimento de sua filha e no embate com as instâncias de poder que representavam a ditadura brasileira. Mas, mesmo assim, sempre que os fatos relativos à Shoá surgem, imprimem um peso muito grande à história retrospectiva do personagem, fazendo pairar ali um tom de inexorabilidade de um embate com as instâncias políticas, como se a esse personagem não fosse possível uma escolha que não incluísse o político. A história retrospectiva de K. se imbrica no presente da narrativa como se estivesse ali para lhe dizer ou lembrar algo.

É em relação às forças políticas que submetem e impelem os indivíduos a uma sujeição da sua existência ou vontade, que a personalidade de K. é moldada como personagem, seja por pertencimento, seja por convicção moral ou política. É contra o esquecimento das violências sofridas e dos crimes perpetrados em nome de uma ideia de Estado que K. se torna um símbolo. K., como personagem, seria a própria representação do homem político. E ao criar esse personagem, Bernardo Kucinski exprime sua própria voz como indivíduo. Ele, levando em conta os elementos e a encenação autoficcional do livro, deve ser aquele a lembrar o destino de sua irmã, e como consequência, de seu pai. A ele cabe exigir justiça à memória de ambos e de todos aqueles que tiveram seu lugar suprimido na história política recente do país. Dele caberia dizer o que Deleuze Guattari afirmaram a respeito de Kafka: “o que o escritor sozinho diz já constitui uma ação comum, e o que diz ou faz é necessariamente político” (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 37).

Já na sua novela seguinte, *Os visitantes*, Bernardo Kucinski encena a si próprio como personagem, sendo que o ponto de partida é a recepção de K. – *Relato de uma busca* por amigos, crítica e pessoas envolvidas com a história de sua irmã. Assim, o narrador é visitado por personagens citados no romance anterior, como amigas de Ana Rosa e ex-guerrilheiros, e por personagens que se ligam a eventos históricos retratados, como uma sobrevivente da Shoá, e mesmo por seu pai em sonho, sendo que nessa novela ele é tratado

pelo seu nome real, assim como Ana Rosa Kucinski, que é nomeada em *Os visitantes*, mas não no livro anterior.

É sobre as consequências sofridas pela sua família, via pertencimento, ou seja, a Shoá, seja via ação política, com o sionismo e a resistência à ditadura, que Kucinski se inscreve como escritor, tanto em *K. – Relato de uma busca*, como em *Os Visitantes*. Esse díptico é a afirmação do político como algo inerente ao próprio lugar que Kucinski, como escritor, ocupa como indivíduo. Assim como foi dito anteriormente sobre a obra de Kafka, é via os protagonistas desses romances – e em *Os visitantes*, ele próprio feito personagem, a partir de uma estratégia autoficcional - que se pode vislumbrar esse político, a partir do lugar que ocupam e das ações que sofrem.

Esses dois livros se estabelecem como um olhar para o passado em busca de justiça e, ao mesmo tempo, tanto em relação ao personagem K., quanto em relação à encenação autoficcional que Kucinski faz de si, funcionam como uma recusa de uma concepção estável de identidade, a partir de um processo de identificação inacabado, a partir do qual os indivíduos colocam em relação e em movimento fatos e ações que constroem uma trama narrativa que conferem sentido e interpretação a si próprios. É na trajetória na narrativa, ou na problematização que esses personagens fazem do mundo ao seu redor, que eles adquirem um sentido.

De tal forma, esses livros expõem o campo social no qual se desenvolve a ficção de Kucinski, com, os personagens centrais tornando-se figuração de uma conjuntura social e política, e dando forma em suas jornadas individuais a uma expressão coletiva de resistência ao poder autoritário. Os personagens tornam-se, assim, eles mesmos, expressão do político, e suas jornadas tentativas de testemunho do último período ditatorial no Brasil, assim como de suas consequências para a sociedade brasileira atual.

## Referências

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

KAFKA, Franz. *América*. Trad. Modesto Carone. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

KAFKA, Franz. *O castelo*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

KAFKA, Franz. *O processo*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

KUCINSKI, Bernardo. *K – Relato de uma busca*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

KUCINSKI, Bernardo. *Os visitantes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.